



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 02/12/2016

BRASIL	2
Mercado estable aunque con tendencia alcista en algunas plazas ganaderas	2
Noviembre se caracterizó por una baja oferta ganadera y precios estables	2
Brasil abre mercado do Japão para carne bovina.....	2
Exportaciones de carnes bovinas retrocedieron al menor nivel desde enero de 2015	3
ABIEC: proyecta que las exportaciones aumentarán en 2017.....	3
Aftosa: discutirán en Brasil la estrategia para dejar de vacunar. Advertencias en contrario	3
URUGUAY	4
Industria empuja a la baja el precio de las haciendas.....	4
De Freitas: “La lluvia jugó, en el mercado del gordo, un papel más psicológico”	5
La carne vacuna tiene a China como el principal destino	5
ARU irá a Defensa de la Competencia por ganado que tiene la industria en feedlots	5
Polémica entre productores y frigoríficos por corrales Federación Rural no descarta apoyar denuncia de ARU.	6
Declaraciones de Zerbino, sobre el feedlot de las industrias, “son más de sensación y no se apoya en datos”	6
Habrà menos faena de hembras en 2017, estimó el CEO de Marfrig	7
PARAGUAY	8
Instituto de la Carne Posiciones enfrentadas del sector privado Frigoríficos piden que se deje de lado el proyecto	8
CUBA autoriza importación de carne y lácteos de Paraguay	9
Frigoríficos hablan de un exitoso año.....	9
Proponen la promoción de carne paraguaya en Taiwán.....	10
UNIÓN EUROPEA	10
Copa-Copeca alerta sobre la firma del acuerdo con Mercosur.....	10
REINO UNIDO - BREXIT: productores agropecuarios reclaman acceso libre a la UE	11
Resultados de una misión de inspección para verificar la calidad de la carne importada a la UE desde EE.UU.	11
REINO UNIDO avanza en la apertura del mercado de carne de vacuno a CHINA.....	11
IRLANDA: prevén caída de precios por mayor oferta en 2017	12
ESTADOS UNIDOS	12
Preocupación por la baja de precios de la hacienda.....	12
Incertidumbre sobre la evolución del mercado.....	13
Escenario positivo para las exportaciones de carnes bovinas.....	14
Alza en la faena de terneros ligada a las dificultades del sector lechero.....	14
RUSIA: Vladimir Putin promete ampliar la prohibición de importación de la carne de la UE y de EEUU.....	15
CHINA: importaciones de carne en niveles récords.....	15
EMPRESARIAS	15
Minerva: aprueban la compra de Frisa y suben sus acciones	15
Friboi lanzó una línea de carne Angus	16



BRASIL

Mercado estable aunque con tendencia alcista en algunas plazas ganaderas

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2016 - Mercado do boi gordo com predominância de estabilidade. Porém, nas praças em que houve alteração de preços, estas foram majoritariamente para cima.

Isso revela uma tendência em que as altas, apesar de moderadas, são mais prováveis que as baixas.

Destaque para as valorizações na região Norte de Minas Gerais, onde a oferta está bastante restrita, além das praças pecuárias da Bahia e Goiás, que também registraram reajustes positivos hoje.

Aos poucos, percebe-se um movimento de redução das escalas de abate. Caso esta tendência prossiga nas próximas semanas, e o consumo mostre alguma reação, é possível que tenhamos um mercado do boi mais firme.

Porém, é preciso esperar para validar este cenário, já que este ano tem sido marcado pela imprevisibilidade e pelo desapego aos comportamentos históricos.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, estabilidade nas cotações, com o boi casado capão cotado em R\$9,64/kg.

Noviembre se caracterizó por una baja oferta ganadera y precios estables

1/12/16 - por Equipe BeefPoint Assim como em outubro, o ritmo de negócios nos diferentes elos da cadeia pecuária esteve bastante lento no correr de novembro em praticamente todas as regiões acompanhadas pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP). Nesse cenário, os preços do bezerro, da arroba do boi gordo e da carne com osso negociada no atacado registraram apenas pequenas variações ao longo do mês.

Segundo pesquisadores do Cepea, com oferta de animais para abate reduzida, pecuaristas esperavam obter valores maiores pela arroba na venda para o frigorífico, o que poderia favorecer a compra de animais para reposição. A demanda interna desaquecida, no entanto, fez com que a indústria recuasse das compras de boi em grande parte do mês. Com isso, os ajustes nos valores da arroba acabaram sendo pontuais, definidos basicamente por negociações de maior urgência do comprador.

As aquisições antecipadas deram sustentação a esse cenário, visto que resultaram em escalas alongadas e que, por sua vez, exerceram pressão sobre os valores. Nessa quarta, 30, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo (estado de São Paulo) fechou em R\$ 149,86, 0,5% menor que o do dia 31 de outubro. O bezerro, também do estado de São Paulo, acumulou desvalorização de 1,68% no correr de novembro, mas se manteve na casa dos R\$ 1.200,00/cabeça.

Brasil abre mercado do Japão para carne bovina

02/12/2016 Vice-ministro da Agricultura japonês deu a notícia ao ministro Blairo Maggi durante encontro na COP 13, no México. O Japão vai permitir a importação de carne bovina brasileira, informou o vice-ministro de Assuntos Internacionais do Ministério da Agricultura, Florestas e Pesca do país asiático, Hiromichi Matsushima, ao ministro Blairo Maggi (Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Em encontro que os dois tiveram em Cancún (México), durante a COP 13, a Conferência da Biodiversidade, Blairo Maggi reforçou que a OIE (Organização Internacional de Saúde Animal) reconhece a sanidade no Brasil como "excelente".

De acordo com Hiromichi Matsushima, "faltam apenas resolver algumas questões burocráticas no Ministério da Saúde do Japão". Ele destacou o avanço das negociações iniciadas pelo secretário-executivo do Mapa, Eumar Novacki, em outubro, para ampliar o comércio entre os dois países. E observou que o fim das barreiras alcança tanto a carne bovina processada quanto a in natura.

O vice-ministro também pediu a Maggi que sejam aprovados estabelecimentos japoneses para exportar ao Brasil a carne bovina da raça wagyu in natura. O ministro disse que o Mapa não tem restrições a essa importação e prometeu resolver a questão o mais rápido possível. "Talvez ainda neste ano." Para Hiromichi Matsushima, isso "seria um grande presente de Natal".

O Brasil ainda vai abrir mercado no Japão para frutas e produtos pets (rações e outros alimentos para animais de estimação). Maggi se comprometeu a enviar informações complementares sobre manga e melão. Também serão priorizados, naquele país, entendimentos para a exportação de abacate. Em julho do ano que vem, haverá o 3º Diálogo Agrícola com o Japão sobre Agricultura e Alimentos.

Além da pauta de comércio, o vice-ministro observou que empresas japonesas têm muito interesse em realizar investimentos em infraestrutura no Brasil. Elogiou as iniciativas do ministro Maggi para estreitar as



relações bilaterais e disse ter ficado bem impressionado com Michel Temer em viagem que o presidente fez ao país, em outubro.

Exportaciones de carnes bovinas retrocedieron al menor nivel desde enero de 2015

1 de dezembro de 2016 - Apesar disso, o preço médio, de US\$ 4.432,80/tonelada, subiu pelo terceiro mês consecutivo, segundo o MDIC

Com 75,8 mil toneladas exportadas em novembro deste ano, o total de carne bovina in natura embarcada ao exterior pelo Brasil foi o menor desde janeiro de 2015 (74.032 t). Apesar disso, o preço médio, de US\$ 4.432,80/tonelada, subiu pelo terceiro mês consecutivo, segundo os dados divulgados nesta quinta-feira, 1º de dezembro, pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

Em relação à proteína de frango, o faturamento e a quantidade recuaram ante o registrado em igual mês do ano passado, mas avançaram em relação a outubro de 2016. Já a carne suína teve melhor desempenho tanto em faturamento quanto em volume nas comparações mensal e anual.

A expressiva queda nos embarques da proteína bovina pode ser atribuída ao fato de que importantes compradores, como Egito, reduziram drasticamente suas compras desde outubro, por problemas econômicos internos. Além disso, Rússia compra menos também porque nesta época do ano a água dos portos se congela, prejudicando os trabalhos logísticos.

Assim, em carne bovina in natura foram exportadas 75,8 mil toneladas, 24,1% menos do que as 99,8 mil toneladas de novembro do ano passado e 9,1% abaixo das 83,4 mil toneladas embarcadas em outubro último. A receita somou US\$ 336,1 milhões, 23% menos do que os US\$ 436,3 milhões obtidos em novembro de 2015 e queda de 6% ante os US\$ 357,7 milhões de outubro. O preço médio pago pela tonelada, no entanto, subiu 3,4% ante outubro passado, de US\$ 4.287,40/t, para US\$ 4.432,80, e ficou 1,4% acima em relação à média de US\$ 4.370,49/t de novembro de 2015.

Acumulado - De janeiro a novembro de 2016, as vendas de carne bovina totalizaram 990,3 mil toneladas, ante 976,2 mil toneladas em igual período do ano passado (+1,4%). Já o faturamento ficou em US\$ 3,984 bilhões este ano, 5,8% menor que os US\$ 4,231 bilhões obtidos entre janeiro e novembro de 2015.

ABIEC: proyecta que las exportaciones aumentarán en 2017

28/11/16 - por Equipe BeefPoint Após frustrar expectativa dos frigoríficos em 2016, as exportações brasileiras de carne bovina devem registrar um melhor desempenho no próximo ano devido ao câmbio mais competitivo e à maior disponibilidade de boi gordo no Brasil, segundo o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Antonio Jorge Camardelli.

De maneira geral, a rentabilidade das exportações de carne bovina se deteriorou ao longo de 2016 em decorrência do movimento de valorização do real ante o dólar. Em outubro, a moeda americana chegou a ser negociada abaixo de R\$ 3,20 depois de ter se aproximado de R\$ 4,00 no início deste ano. Essa queda, reconheceu Camardelli, afetou as exportações do setor.

Com a eleição de Donald Trump à presidência dos EUA, o movimento cambial se alterou e o dólar vem se valorizando, atingindo patamares mais “competitivos” para os exportadores de carne bovina do Brasil. Nesse cenário, as vendas ao exterior devem ser beneficiadas em 2017. A expectativa do presidente da Abiec é de que a moeda americana oscile entre R\$ 3,40 e R\$ 3,50.

O câmbio não foi, contudo, o único fator que prejudicou o desempenho das exportações em 2016. De acordo com Camardelli, as vendas para mercados como Rússia e Venezuela, países que enfrentam crise econômica, se reduziram. Mais recentemente, a escassez de dólares no Egito, um dos cinco maiores importadores da carne bovina brasileira, passou a atrapalhar as vendas dos frigoríficos. Em outubro, as compras do país africano diminuíram 61,9% ante o mesmo intervalo de 2015. Em novembro, as dificuldades no Egito seguiram, acrescentou o dirigente.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Aftosa: discutirán en Brasil la estrategia para dejar de vacunar. Advertencias en contrario

Fonte: CNPC 1 de dezembro de 2016 - Será gradual, em nichos geográficos de produção, levando em conta riscos sanitários e comerciais

Em janeiro de 2017, o governo federal dará início a rodadas de discussões em todo o Brasil a fim de finalizar a revisão do plano de retirada da vacinação contra a febre aftosa.

Segundo Guilherme Marques, diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura e presidente da Comissão Regional da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) para as Américas, a etapa de revisão técnica foi concluída após um ano de trabalho.

O presidente da Comissão Regional da OIE para as Américas esclarece que nada será feito de forma abrupta. A retirada será gradual, em nichos geográficos de produção, levando em conta riscos sanitários e comerciais.



Embora o cronograma ainda não esteja fechado, o governo trabalha com a hipótese de dar início à retirada gradual a partir de novembro de 2018. A medida é apoiada pelas indústrias de aves e suínos, impactadas no mercado externo pela adoção da vacina em todo o país – exceto em Santa Catarina.

“Mercados importantes ainda têm restrições a países que vacinam, pois entendem que se a imunização é feita é porque existem focos da doença”, reforça Francisco Turra, presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

O mesmo otimismo não é visto entre os produtores de carne bovina. Para a Federação da Agricultura no Estado (Farsul), o processo só poderá ser concretizado quando houver segurança nas fronteiras.

“É muito temerário e não vejo nenhum ambiente para isso, nem a médio prazo”, avalia Gedeão Pereira, vice-presidente da Farsul. A extensa faixa de fronteira do país, segundo Pereira, não dá garantias para afastar a doença.

“Já acessamos mercados exigentes, como os Estados Unidos. Não podemos arriscar tudo agora, experiências traumáticas no passado já nos ensinaram isso”, completa o dirigente, referindo-se ao episódio de Joia, ocorrido em 2000.

URUGUAY

Industria empuja a la baja el precio de las haciendas

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Diciembre 2, 2016

Las plantas están ofreciendo US\$ 2,80 por los novillos y US\$ 2,60 por las vacas, sin mostrar apuro por comprar

Sigue la tendencia a la baja del ganado gordo con la industria comprada, pasando entradas para 15 a 20 días, aunque las lluvias dieron oxígeno a los productores. La oferta se empieza acumular.

Los precios que ofrecen las plantas son US\$ 2,80 por kilo en cuarta balanza por el novillo y US\$ 2,60 por kilo por la vaca gorda, pero sin apuro por comprar.

Las necesidades financieras de fin de año de los productores y el apronte del ganado de campo han llevado a un alto nivel de actividad que ejerce presión sobre los precios. La faena semanal fue la más alta en dos años y la de novillos lo fue en dos años y medio.

La llegada de las cuadrillas kosher impulsó los precios a principios de noviembre, luego que la industria se hizo de un pulmón necesario para cubrir la faena y a partir de mitad del mes pasado los precios fueron cayendo semana a semana.

La Asociación de Consignatarios de Ganado (AGC) bajó la referencia de precios. Ubicó el precio del novillo gordo en US\$ 2,95 por kilo en cuarta balanza, el de la vaca en US\$ 2,63 y el de la vaquillona en US\$ 2,76 por kilo.

En tanto, la reposición continúa demandada, con cierta dificultad de concretar los negocios, es difícil juntar las "puntas".

Con una relación flaco/gordo de 1,35 el invernador ajusta los precios de compra, para que la ecuación cierre.

La exportación en pie sigue comprando terneros enteros, pero a menor ritmo que semanas anteriores.

En cuanto al mercado de la carne ovina, la demanda se centra en el cordero mamón y cordero de verdeo, con una referencia de US\$ 3,60 por kilo en cuarta balanza. No hay interés de las plantas por categorías adultas y las entradas se alargaron a 20 días. ACG en su última reunión del lunes cotizó la oveja en US\$ 2,87 por kilo y el cordero pesado en US\$ 3,39 por kilo.

Récord de faena

La faena semanal alcanzó el récord más alto en dos años, 51.899 cabezas (en noviembre de 2014, se faenaron 52.280). Subió casi 5% respecto a la anterior y fue 1,1% superior a igual semana correspondiente a noviembre de 2015.

Tras nueve semanas, los novillos superaron a las vacas, con 27.072 cabezas, la mayor faena semanal de novillos en dos años y medio. El incremento respecto a la semana anterior fue de 16%, casi 4.000 animales más y 10% mayor en la comparación interanual siendo el 52,2% de la faena.

La faena de vacas tuvo un registro de 23.838 cabezas, una caída de 6% semanal y un 7,2% menor que en igual período de 2015.

El acumulado anual alcanza 2.018.580 cabezas –un 0,7% más que el acumulado de 2015– con una estructura diferente de vacas y novillos faenados. Las vacas trepan a 1.014.456 cabezas (el 50,3%), mientras que el año pasado eran el 48,6%. Los novillos faenados suman 961.670 cabezas (el 47,6%), cuando eran el 49,2% el año pasado.

También la faena de ovinos fue la mayor del año, 34.599 lanares, 15% más que la semana anterior y 10% mayor que el mismo período de 2015. Todavía está lejos del máximo de diciembre 2015, que superó las 50.000 cabezas.

Ingreso por exportación



El precio acumulado anual por tonelada de carne exportada hasta el 26 de noviembre tocó los US\$ 3.400, un 10,5% menos en la comparación interanual, que fue de US\$ 3.797 por tonelada. En la semana, con 8.578 toneladas vendidas, el precio alcanzó a US\$ 3.290.

El precio de exportación acumulado de la carne ovina de enero a noviembre alcanzó a US\$ 4.188 por tonelada, un 9,9% menos que en igual período de 2015, cuando alcanzaba US\$ 4.649. Con 426 toneladas colocadas, el valor llegó a US\$ 3.591 por tonelada exportada.

A pesar de la llegada de las cuadrillas kosher, el alto nivel de actividad no deja que los precios remonten; es difícil vislumbrar pronto un cambio de tendencia.

De Freitas: “La lluvia jugó, en el mercado del gordo, un papel más psicológico”

29/11/2016 - 3 Para el presidente de la ACG, al menos hasta el 20 de diciembre la faena vacuna será importante.

“Evidentemente esta faena está apuntando a los buenos novillos y vacas de buen kilaje”, expresó Carlos de Freitas. Según el boletín de consignatarios, el novillo especial tiene un valor de US\$ 2,90 (-5) y la vaca está en US\$ 2,63 (-7), “son vacas pesadas, de buenas carcasas, sino creo que la vaca vale un poco menos”.

El nuevo presidente de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) dijo en Valor Agregado en Carve que por lo menos hasta el 15 o 20 de diciembre van haber faenas importantes, “los ganados por lo menos están, y si es así, la industria los va faenar”.

Explicó que se van a mantener los niveles de faena, al menos, “hasta el 10 de diciembre que vamos a tener instaladas las cuadrillas kosher”. Según De Freitas, lo más importante es que, gracias al clima que ha jugado un papel importante, los ganados y las gorduras están bien; sin embargo, “la lluvia jugó un papel más psicológico que otra cosa”.

“La demanda, a medida que tenga colmada sus compras, irá ofreciendo valores y la oferta los tomará o no, así se va ir equilibrando el mercado”, indicó. Según el directivo de la ACG, todo hace pensar que por la época del año en la que estamos, y por lo que sucede generalmente, “la gente se pone más rendidora, los ganados están con las gorduras, con sus kilajes, pero creo que mucho no va pasar”.

En lo referente a la faena de ovinos, De Freitas expresó que también fue interesante; aumentó, por más que cuando aparecen los vacunos, el ovino queda un poco relegado. Los valores reflejan un gran interés en los corderos mamonos, única categoría que subió: de US\$3,53 pasó a US\$3,60.

La carne vacuna tiene a China como el principal destino

28/11/2016 - Embarques crecieron 14% hasta el 19 de noviembre.

China continúa posicionado como el principal mercado —medido en volumen— para la carne vacuna uruguaya y las menudencias, con un incremento en la exportación de 14% hasta el pasado 19 de noviembre, según los datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Los importadores chinos compraron a la industria uruguaya 163.987 toneladas peso canal contra 143.370 toneladas peso canal a igual fecha del año anterior. El sector cárnico exportó 373.606 toneladas y los principales compradores que le siguieron a China fueron Estados Unidos, México y Canadá, Unión Europea, Israel y el Mercosur, concentrando entre todos el 91% del total colocado. Las exportaciones de carne bovina facturaron US\$ 1.271 millones. En paralelo, la faena de vacunos creció 1% tomando como fecha tope el 19 de noviembre y comparándolo con igual fecha del año anterior.

Los frigoríficos uruguayos llevan industrializados 1.967.314 bovinos, con mayoría de vacas.

ARU irá a Defensa de la Competencia por ganado que tiene la industria en feedlots

30/11/2016 - 4:04 PM 30/11/2016 - Para el presidente de la gremial: “Es un tema que preocupa hace un tiempo, (...) y distorsiona el mercado”.

“Entendemos que en el libre mercado, cuando se considera que puede haber concentración de ganado de la industria, puede generar una situación de baja en los valores”, comentó Pablo Zerbino. El presidente de la Asociación Rural del Uruguay aseguró, en Valor Agregado en Carve, que eso habría que “analizarlo jurídicamente para ver si es viable tomar algunas medidas”.

Señaló que la gremial no descarta ir a la Comisión de Promoción y Defensa de la Competencia para que se tomen medidas necesarias, porque cree que esta producción por parte de los frigoríficos distorsiona los precios del mercado. “Hay países en los que no está permitido la concentración de ganado por parte de las industrias quince o veinte días previo al sacrificio”, indicó Zerbino a modo de ejemplo.

“La preocupación es el ganado que encierra el frigorífico, es el punto básico”, destacó el presidente de ARU. Asimismo, agregó que el hecho de los corrales, en general, es una realidad que se ha venido, pero es importante que haya un ordenamiento en la puesta en práctica de los mismos”. De todos modos, dijo que la concentración de ganados por parte de las industrias “es un tema que preocupa mucho”.



Hilton. Para Pablo Zerbino, modificar el reglamento de esta cuota, que implicaría no solo animales terminados a pasto, sino también a grano; “es un tema a discutir (...) dada la dimensión que está tomando en la región la suplementación en la vida del animal. Habría que discutirlo claramente y plantearlo con total honestidad”.

Polémica entre productores y frigoríficos por corrales Federación Rural no descarta apoyar denuncia de ARU.

02/12/2016 La Federación Rural también se mostró preocupada por la concentración de ganado que hace la industria frigorífica en sus corrales de engorde en determinados períodos del año y no descarta apoyar a la Asociación Rural (ARU) en su denuncia ante la Comisión de Promoción y Defensa de la Competencia. La ARU entiende que esa concentración puede generar una baja de precios del ganado gordo.

Fuentes de la Federación Rural dijeron ayer a El País que el tema no fue analizado en profundidad a nivel del Consejo Directivo, pero aclararon que como productores ganaderos mantienen la misma preocupación.

El presidente de la Asociación Rural (ARU), Pablo Zerbino aseguró esta semana a Valor Agregado en radio Carve, que habría que analizar jurídicamente cómo utilizan los frigoríficos los corrales de engorde para ver si es viable tomar algunas medidas.

Zerbino también recordó que “hay países en los que no está permitido la concentración de ganado por parte de las industrias quince o veinte días previo al sacrificio”.

Para el titular de la ARU, “la preocupación es el ganado que encierra el frigorífico, ese el punto básico”.

Agregó que el hecho de los corrales en general, “es una realidad que se ha venido desarrollando últimamente, pero es importante que haya un ordenamiento en la puesta en práctica de los mismos”. De todos modos, dijo que “la concentración de ganado por parte de las industrias es un tema que preocupa mucho”.

Por su parte, el delegado de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (Adifu) y director general de negocios del Grupo Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco, dijo estar sorprendido con las declaraciones de Zerbino.

“Me sorprende las declaraciones del señor presidente de ARU y más conociendo que trabaja en un corral que nos provee de ganado a nosotros”, señaló Secco.

“Cuando uno comenta sensaciones, es como diagnosticarte sin ir al médico; sin números y sin datos. Le falta bastante análisis al tema”, respondió Secco a las declaraciones del presidente de la ARU.

Secco dijo a Valor Agregado en Carve, que el comentario de Zerbino fue “más de sensación y no está apoyado en datos”.

Aseguró que falta analizar más el tema, como por ejemplo, “cuánto ganado es realmente de la industria y cuánto de los propios productores” y explicó que en el caso de Marfrig “el 90% de los ganados son de los productores”.

Además señaló: “me parece que al planteo le falta algo y no es la primera vez que se siembra este tipo de dudas sobre la actividad de la industria”.

Secco declaró, que actualmente y según datos públicos, “menos del 10% de la faena total corresponde a ganado de corral, en el entorno de las 200.000 cabezas”.

Dijo que esta alternativa de negocios “resulta una forma de dinamizar y acortar los ciclos”. Además, “viabiliza el poder generar negocios más acelerados y, por supuesto, más costosos dentro de lo que es la dinámica de la producción ganadera”, puntualizó Secco.

Declaraciones de Zerbino, sobre el feedlot de las industrias, “son más de sensación y no se apoya en datos”

01/12/2016 - “Me sorprende las declaraciones del señor Presidente, y más conociendo que trabaja en un corral que nos provee de ganado a nosotros”, señaló el CEO de Negocios de Marfrig para el Cono Sur.

“Cuando uno comenta sensaciones, es como diagnosticarte sin ir al médico; sin números y sin datos. Le falta bastante análisis al tema”, respondió Marcelo Secco a las declaraciones del presidente de la Asociación Rural del Uruguay, quien afirmó que la gremial no descarta ir a la Comisión de Promoción y Defensa de la Competencia por el ganado que tiene la industria en feedlots.

El CEO de negocios de Marfrig para el Cono Sur, dijo, en Valor Agregado en Carve, que el comentario de Pablo Zerbino fue “más de sensación y no está apoyado en datos”. Aseguró que falta analizar más el tema, como por ejemplo, “cuánto ganado es realmente de la industria y cuánto de los propios productores; en el caso de Marfrig el 90% de los ganados son de los productores”. Además reiteró, “me parece que al planteo le falta algo (...) y no es la primera vez que se siembra este tipo de dudas sobre la actividad de la industria”.



Secco declaró, que actualmente y según datos públicos, “menos del 10% de la faena total corresponde a ganado de corral, en el entorno de las 200.000 cabezas”. El empresario dijo que esta alternativa de negocios “resulta una inversión como forma de dinamizar y acortar los ciclos”.

Además, añadió que significa un complemento más que se tiene dentro de la línea de faena que “viabiliza el poder generar negocios más acelerados y, por supuesto, más costosos dentro de lo que es la dinámica de la producción ganadera en Uruguay”. Asimismo, “se puede encerrar todo el año y tener carne para ofrecer, que es lo que quiere el cliente”.

Respecto a la posición de la Asociación Rural del Uruguay de ir a la Comisión de Promoción y Defensa de la Competencia por ganado que tiene la industria en feedlots, Secco respondió que “obviamente se tiene el derecho de pedir que se investigue lo que se hace, pero me parece que Uruguay tiene otros problemas y la propia cadena tiene otros desafíos”.

Reglamento del Hilton. Secco opina, en cuanto a la modificación del reglamento de la cuota Hilton, que “Uruguay tiene ese desafío a plantear, siempre y cuando no afecte la reputación que tiene este país a diferencia de otros en materia de su producción cárnica”.

El director de Marfrig expresó que se debe “dar la garantía que podemos dar hoy, dar lo que tenemos y hacer un planteo inteligente y oportuno, creo que en forma unilateral, como diferencial que podemos hacerlo frente a otras ganaderías. Se debe hacer de forma ordenada entre los productores, la industria y el Poder Ejecutivo”.

Habrán menos faena de hembras en 2017, estimó el CEO de Marfrig

30 de noviembre de 2016 La semana pasada la faena de vacas cruzó el millón de animales. En lo que va del año representan más del 50% del total faenado. Pero eso no puede persistir para siempre. De hecho en la semana pasada se faenaron más machos que hembras por primera vez luego de nueve semanas. Lo que debiera ser normal se ha vuelto en este año excepcional. En lo que va del año cerrado el 26 de noviembre la participación de vacas en la faena fue de 50,3% de y 47,6% de novillos.

“La faena en el año marca una predominancia de vacas. Uruguay está en un ajuste de vientres, a pesar de tener una relación flaco/gordo excepcional. Es la lectura más preocupante”, dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural el CEO de Marfrig para el Conosur, Marcelo Secco.

Para el industrial, sin embargo, esa relación no se mantendrá para el año que viene. “Más allá de lo que pase de lo que pase con la exportación en pie de machos, la tendencia sería mucho más estable en relación de macho-hembra en faena para el año que viene, y poder tener un 50%-50% y no tener un desfasaje hacia la vaca”, dijo.

En relación de faena, subrayó las dificultades que enfrenta el sector primario en materia de costos en dólares, con precios que han ajustado a la baja, con modelos de negocios que enfrentan hoy una ecuación difícil, por ejemplo la invernada, mencionó.

En este escenario, la lógica creciente de exportación en pie se ve con preocupación desde el sector industrial. “Es materia prima que perdemos de procesar. Es parte del libre mercado pero con un elemento distorsivo, que es el manejo arancelario de Turquía”, señaló Secco, detallando el diferencial arancelario, mayor para el ingreso de carne con hueso sobre lo aplicado a la importación de ganado vivo.

Mercado internacional más calmo

Aunque recién entre finales de enero y primera quincena de febrero comenzará a tomarse la temperatura del mercado para el resto del 2017, Secco ve un escenario más equilibrado en Europa.

Desde el lado de EEUU consideró que “estructuralmente no crece en producción de carne”, aunque es necesario prestar atención en vistas a la cercana habilitación para exportar carne a China. “Es una habilitación que nos preocupa, es agregar un competidor más. Así como agregar más plantas desde Brasil. Tenemos un acceso diferencia en China que hay que pelear y mantener (acceso con hueso y menudencias) y seguir generando esos diferenciales”, sostuvo. “La buena noticia es que tenemos a Australia poco competitivo por un tiempo más”, agregó.

Consultado por el posible impacto del triunfo de Donald Trump en el tablero internacional, manifestó preocupación sobre el futuro relacionamiento de EEUU con Europa, y “la Cuota 481 que ha sido un elemento diferenciador para Uruguay”.

“Uruguay tiene una agenda con EEUU que la tiene que seguir trabajando. No podemos abandonar una agenda de apertura y negociación que permita mantener ese diferencial que nos permita aunque no tener el mejor precio sí poder exportar”, subrayó.



PARAGUAY

Instituto de la Carne Posiciones enfrentadas del sector privado Frigoríficos piden que se deje de lado el proyecto

29 de Noviembre de 2016 | intenso lobby en diputados, tanto para su tratamiento mañana como para su rechazo

Fuerte lobby a favor y en contra del proyecto de ley “Que crea el Instituto Paraguayo de la Carne (IPC)” fue realizado por el gremio de ganaderos y la nucleación de industrias frigoríficas, respectivamente. El documento presentado por la ARP en julio de este año ya tiene dictamen favorable de la Comisión de Agricultura y Ganadería de la Cámara de Diputados y podría ser incluido en el orden del día para su tratamiento mañana.

Los grandes exportadores mundiales de carne bovina, como Australia, Nueva Zelanda, Brasil y Uruguay, han logrado captar mayores y mejores mercados a través de instituciones dedicadas exclusivamente a la promoción del producto en diferentes lugares del mundo, explicó el presidente de la Comisión de Carne de la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

Señaló que, además de captar nuevos mercados y consolidar los ya existentes, el ente público pretendido buscará fomentar la investigación y extensión pecuaria a fin de capacitar a los productores en mejorar su eficiencia, sobre todo en la obtención de terneros. Así también se llevará adelante el programa de tipificación y calidad de carcasas, de modo a salir al mundo con un sistema de clasificación y tipificación. “Esto incluirá un manual de cortes de carne con el fin de que cuando se hable de un lomito sin cordón se sepa a cuál corresponde”, explicó.

Detalló que la figura jurídica del IPC sería equivalente a lo que en el caso de Uruguay (INAC) y Argentina (IPCVA) se denominan “personas jurídicas de derecho público no estatal”.

Opinó que los aportes a cargo de productores y frigoríficos previstos en el artículo 14º del proyecto de ley del IPC no constituyen impuestos por definición.

“No irá a las arcas públicas, sino que constituirán recursos de uso privado que van a las cuentas privadas del IPC y serán de manejo exclusivo por parte de este”, expresó.

A su vez, dijo que los descuentos no recaerán sobre la exportación, sino sobre la actividad de faena en frigoríficos sin importar su destino.

“De todos modos, sería un costo muy poco relevante, tanto para el productor como para la industria frigorífica, teniendo en cuenta que la faena total en frigoríficos es del orden de los 2 millones de cabezas, lo que a razón de, por ejemplo, US\$ 1 de aporte por cada parte por cabeza faenada, representaría US\$ 4 millones”, indicó.

Agregó que el sector exporta más de US\$ 1.000 millones por concepto de carne y menudencias bovinas, sin contar las ventas en el mercado interno.

También dijo que el consejo directivo del IPC estaría integrado por seis directores: dos de ellos representantes de la ARP, otros dos de la CPC, un representante del Ministerio de Relaciones Exteriores (MRE) y uno del SENACSA. La Presidencia siempre sería ejercida por un representante de la ARP o de la CPC, en forma rotativa, cada dos años.

29 de Noviembre de 2016

La Cámara Paraguaya de Carnes (CPC) rechaza rotundamente el proyecto de creación del Instituto Paraguayo de la Carne, que fue presentado en la Cámara de Diputados, en julio pasado, en forma unilateral por parte de la Asociación Rural del Paraguay (ARP) y que representará un impuesto a la exportación de carne de US\$ 2 dólares por animal faenado, señaló ayer en una entrevista, el directivo del gremio industrial, Gustav Sawatzky.

“Deseamos –dijo– que el instituto de la carne sea una entidad de derecho privado y no de derecho público como propone el proyecto presentado por la ARP; en ese sentido la CPC ha propuesto la creación de fondos especiales de promoción, con los cuales se puede financiar proyectos públicos que tengan los mismos objetivos que el pretendido IPC, como sería la promoción de la carne paraguaya en el extranjero”.

“Somos los más interesados en promocionar la carne paraguaya de exportación, que es el núcleo de nuestro negocio. En la medida que se abran nuevos mercados y no surjan nuevos brotes de fiebre aftosa, y se trabaje con más eficiencia en el sector primario para el aumento del hato, todo redundará en beneficios para los productores de ganado y para los industriales que exportan carne”, expresó Sawatzky.

Añadió que la clave de la cuestión está en que continúe, e incluso aumente, la promoción de la carne y la apertura de mercados, pero sin que se interponga una intervención estatal, a través de una ley, en el precio de la carne. “Cualquier intento, aunque sea solapado, de intervenir en el precio de la carne, atenta contra el libre mercado, en consecuencia, también interviene contra la libertad de competencia garantizada por el artículo 107 de la Constitución Nacional”, enfatizó.

El industrial dijo que entre las cuestiones realmente preocupantes, está una que compete en particular a los ganaderos, y se trata de la actual disminución del tamaño del hato nacional. Según los datos, se



estima una caída en alrededor de 1.000.000 de cabezas en los dos últimos años, por lo que se pronostica que para el 2017 no habría materia prima suficiente, señaló.

“Promocionar y abrir más mercados, sin tener en cuenta que solo el 10% del hato tiene trazabilidad, es dejar de lado un elemento indispensable para abordar los futuros mercados premium que quedan por abrir”, indicó también la fuente

Esperan consenso de ganaderos con industriales sobre instituto de la carne

1 de Diciembre de 2016 El proyecto de ley “que crea el Instituto Paraguayo de la Carne” deberá tener el consenso entre la Asociación Rural del Paraguay y la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC) para que pueda tener el dictamen favorable de la Comisión de Agricultura y Ganadería de la Cámara de Diputados, según dijo su titular, Édgar Ortiz.

El parlamentario se reunió con el presidente del gremio de frigoríficos, Korní Pauls, quien planteó la necesidad de incluir algunas modificaciones en el documento que se halla en estudio en varias comisiones de la Cámara Baja.

Ortiz manifestó que dichas propuestas serán discutidas en una reunión interinstitucional de la que participarán representantes de la citada organización, así como referentes del gremio de ganaderos. “Queremos quitar una ley consensuada. Una parte está de acuerdo con la creación del instituto, pero para otro sector hay algunos puntos que no podemos consensuar aún. Planteamos una reunión de forma conjunta para que podamos discutir en busca de un consenso”, expresó el legislador.

El diputado Ortiz dijo que espera que se puedan generar acuerdos entre ambas organizaciones antes de fin de año para dar curso al proyecto. Destacó que la creación del instituto de la carne resultará en un hecho positivo para nuestro país.

Informó que la reunión interinstitucional será anunciada con anticipación a las partes. Según el ingeniero Carlos Pedretti, de la Rural, el pretendido proyecto es resultado de lo que se viene trabajando desde hace dos años con el experto consultor uruguayo doctor Enrique Elena, con quien se desarrolla el plan “Paraguay 5º Exportador Mundial de Carne 2020”.

Por su parte, Korní Pauls, de la CPC, dijo que la nueva institucionalidad para la carne no debe ser unilateral como es el documento que obra en Diputados.

CUBA autoriza importación de carne y lácteos de Paraguay

30 de Noviembre de 2016 Cuba abrió su mercado para importación de carne bovina, porcina y de aves (pollos etc.), como también de lácteos y derivados de nuestro país, anunció ayer el ministro de Relaciones Exteriores, Eladio Loizaga. Destacó que es una muy buena noticia para el ámbito económico de nuestro país, especialmente para los exportadores. El canciller nacional dijo que la autorización pertinente fue adoptada por las autoridades cubanas el 25 de noviembre pasado, y que tras la notificación oficial a la Embajada del Paraguay en La Habana, la Misión Diplomática transmitió inmediatamente la grata novedad a la Cancillería Nacional. Son 17 frigoríficos los habilitados para exportar sin cupo.

Frigoríficos hablan de un exitoso año

02 de diciembre de 2016 Está cerrando una a etapa muy exitosa, dijo ayer en relación al año 2016 el presidente de la Cámara Paraguaya de Carne, Korní Pauls, en el brindis de fin de año del gremio, realizado en el Centro de Convenciones de la Conmebol. Agregó que para el periodo venidero, el sector está apuntando a nuevos desafíos y objetivos.

“Paraguay es el único país en América del Sur que crece en proporciones superiores a los países de la región. Con esto, las industrias frigoríficas vienen invirtiendo para agrandar sus capacidades de producción, mejorar las prácticas de sanidad e inocuidad con foco en estar preparadas para ser aprobadas en los mercados más exigentes del mundo”, destacó Pauls.

Enfatizó que para su gremio, el año 2016 fue un año en que cumplieron otro ciclo. También señaló que la industria frigorífica paraguaya está lista para competir con la de cualquier país, ya sea brasileña, uruguaya o de EE.UU.

“Junto con Senacsa hemos logrado patrones de calidad e inocuidad internacional. Hoy Paraguay es referencia mundial cuando se habla de parque industrial en nuestro sector”, indicó.

Durante su discurso ante representantes diplomáticos de varios países, líderes del empresariado y autoridades, propuso varios desafíos.

Indicó que es la oportunidad de elaborar el sistema de bienestar animal y el sistema de sostenibilidad de Paraguay. Igualmente, dijo que una tarea pendiente es aumentar la trazabilidad del ganado paraguayo. “¿Cuál es el porcentaje del hato ganadero trazado en Paraguay?”, se preguntó. Añadió que muchos países llegan a tener 100% del hato trazado, pero actualmente Paraguay tiene solamente 10% con trazabilidad.

“Según las palabras de Laurie Bayant, director ejecutivo de importadores de carne de América, en el último congreso de la carne en Punta del Este, hace tres semanas: la trazabilidad se ha tornado un



elemento decisivo en el comercio internacional. De importancia mayúscula para responder a los cuestionamientos basados en aspectos de salud animal y seguridad alimentaria. Es importante también a nivel interno para paliar esos problemas”, expresó. En la parte final, dijo que de nada valdría intentar abrir nuevos mercados si el hato ganadero está bajando, tenemos solamente 10% del ganado trazado, se reduce el stock de novillos y crece la producción de toros y se tiene la tasa de extracción más baja de América del Sur.

Proponen la promoción de carne paraguaya en Taiwán

02/12/16 Paraguay podría hacer una mayor promoción de la alta calidad de su carne en Taiwán para lograr un mejor posicionamiento con relación a los productos provenientes de otros mercados. Es lo que propuso ayer el embajador de Taiwán, Alexander Yui, tras confirmar la triplicación del cupo local de carne enviada a dicho destino. Fue en una conferencia realizada en la Rural.

“Es conveniente que Paraguay pueda hacer conocer más la buena calidad de su carne, con degustaciones y promociones entre los consumidores de Taiwán”, dijo ayer el embajador de dicha nación, Alexander Yui, durante la conferencia de prensa realizada en la Asociación Rural del Paraguay, en Mariano Roque Alonso.

El representante diplomático del Gobierno de Taiwán confirmó ayer en la Rural que su país triplicó el cupo para la compra de carne vacuna de nuestro país a partir de enero próximo. Pasará de 3.551 toneladas por año, que corresponde al cupo vigente, a 10.406 toneladas por año.

En ese sentido, el viceministro de Ganadería, Marcos Medina, estimó que la triplicación del cupo para la exportación de carne bovina a Taiwán representará un volumen de negocios de entre US\$ 50 y 60 millones al año. Estimó que con las 10.406 toneladas de carne exportadas a dicho país, Paraguay estará cubriendo casi 10 por ciento de la demanda de dicho mercado en el rubro. Añadió que si Paraguay concretara un mejor posicionamiento con la alta calidad de la carne enviada, el volumen de negocios podría llegar hasta US\$ 90 millones al año.

Por su parte, el titular de la ARP, Luis Villasanti, agradeció la gestión del presidente Horacio Cartes para el aumento del cupo para la carne enviada a Taiwán.

UNIÓN EUROPEA

Copa-Copeca alerta sobre la firma del acuerdo con Mercosur

01/12/2016 Copa-Cogeca han celebrado un importante acto en el Parlamento Europeo para poner de manifiesto los múltiples beneficios que el sector vacuno de la UE aporta a las economías rurales y advierten ante la repercusión negativa de un posible acuerdo de liberalización del comercio entre la UE y el bloque comercial latinoamericano Mercosur.

Durante el seminario al que han asistido actores clave de toda la UE como el presidente del grupo de trabajo del Copa y de la Cogeca, Jean-Pierre Fleury, éste ha declarado: "la producción de vacuno en la UE reposa sobre dos millones y medio de explotaciones familiares de toda la Unión. Se trata de una pieza central del sector agrícola europeo, cuyo valor asciende a 30 mil millones y medio de euros en el total de la producción agrícola de la UE. En el sector vacuno, los productores europeos ejercen de garantes de un modelo de explotación familiar que debe preservarse".

Según estima, "el sector debe competir cada vez más con las importaciones, sobretudo en cuanto a los cortes de alto valor. Un nuevo estudio europeo de impacto sobre el comercio confirma las repercusiones catastróficas que los futuros acuerdos comerciales podrían tener para el vacuno de la UE, en especial el que está en curso de negociación entre la Unión y el bloque comercial latinoamericano Mercosur. A menos, eso sí, que se impongan contingentes arancelarios a las importaciones. Pensamos que un acuerdo potencial con Mercosur podría afectar seriamente al sector vacuno de la UE".

Fleury insistió además en que "estos países no están sujetos a las mismas normas de calidad que se aplican en la UE y sigue preocupando la seguridad de la producción cárnica en estos Estados. Por ejemplo, no disponen de las mismas normas en materia de trazabilidad y están autorizados a emplear promotores del crecimiento en sus producciones; algo que está prohibido en la UE. En Europa, además, respetamos las normas más exigentes del mundo en materia de bienestar animal. Conforme a la metodología empleada para el estudio, creemos también que la Comisión no está teniendo suficientemente en cuenta el difícil momento del sector vacuno. Sería necesario realizar un análisis más en profundidad, haciendo la distinción entre cortes en canal y diferentes calidades, para poder adoptar la estrategia apropiada de la UE para el sector cárnico y mantener su potencial de producción", ha añadido.

"Igualmente, somos favorables a las recomendaciones redactadas por la task force sobre los mercados agrícolas, en las que se pone de manifiesto la débil posición de los agricultores en la cadena alimentaria y se pide la elaboración de una legislación europea para acabar con las prácticas comerciales desleales en la cadena alimentaria y devolver a los productores una retribución justa. El vacuno de la UE, al igual que



sucede con las frutas y hortalizas, es uno de los sectores en los que los márgenes de la distribución son muy superiores, por lo que se requiere urgentemente de legislación", ha dicho a modo de conclusión. Por otro lado, Fleury, que pertenece a la organización agraria francesa FNSEA, ha sido reelegido como presidente del grupo de trabajo Carne de vacuno del Copa y de la Cogeca. Contará con el respaldo de dos vicepresidentes, Angus Woods, de la Asociación de agricultores irlandeses (IFA) y Verena Schutz, de la asociación alemana DRV.

REINO UNIDO - BREXIT: productores agropecuarios reclaman acceso libre a la UE

02 December 2016 The largest coalition of food producers in the UK's history has come together for the first time to call for tariff-free access to the Single Market and continued access to a competent and reliable workforce in order for British food and farming to flourish post-Brexit.

In a letter to the Prime Minister coordinated by the UK's farming unions, 75 organisations have pledged support for a positive, bold and ambitious vision for the sector post-Brexit. But they also signal that food security, food safety and hygiene, stewardship of the countryside and affordable food is at risk if Ministers fail to deliver continued access to labour and the best possible Single Market access.

The organisations represent some of the UK's best known companies, and are worth over £92 billion employing almost a million people. Signatories include Sainsbury's, Marks and Spencer, Dairy Crest, Morrisons, Müller and Weetabix, and scores of other organisations representing food production from farm to fork.

Food production is the UK's largest manufacturing sector, bigger than the automotive and aerospace sectors combined. The letter argues that a Brexit settlement which recognises the critical role of the UK food chain will demonstrate how Brexit can be beneficial for the UK economy as well as UK food production.

The letter makes clear that Britain's farmers and food producers stand ready to work with the Government and calls on the Prime Minister to put Britain's food at the centre of Brexit negotiations.

Commenting on the letter, NFU President Meurig Raymond said: "Brexit creates an enormous opportunity for farming, food production and for Britain. But to deliver this new future, we must secure the best possible access to the Single Market and continued access to a competent and reliable workforce. Getting this right will set the foundations for a successful new British agricultural policy."

"Agriculture is a litmus-test for the Government's Brexit negotiations. As the sector most heavily impacted by the referendum outcome, if the Government can make British farming a success post-Brexit then it will be the clearest indication that the country can succeed outside Europe."

TheCattleSite News Desk

Resultados de una misión de inspección para verificar la calidad de la carne importada a la UE desde EE.UU.

28/11/2016 La Comisión Europea, a través de la Oficina Veterinaria y Alimentaria (FVO por sus siglas en inglés), llevó a cabo entre abril y mayo de este año, una misión de inspección para verificar la aplicación de las condiciones para la certificación de la calidad de la carne que la UE importa desde EE.UU. Este comercio está gestionado por una serie de cuotas referentes a la cantidad que se puede importar.

En líneas generales, los sistemas de control de la producción de carne de vacuno, tal como están planteados e implementados, ofrecen garantías adecuadas para la certificación de carne de vacuno de alta calidad para luego ser exportada a la Unión Europea.

La auditoría realizada establece además que, en lo que respecta a la producción de carne de bisonte para la cuota A, aquella diferente a la carne de vacuno, el sistema no cuenta con sistemas de controles oficiales y de terceros a la hora de escoger a los animales, lo que provoca que la certificación sea menos fuerte.

La ausencia de controles sobre la veracidad de la documentación destinada a apoyar la certificación significa que los incumplimientos probablemente no se detectan, aunque no se detectó ningún tipo de incumplimiento.

Por otro lado, al no aplicarse los procedimientos del Servicio de Marketing de Agricultura del USDA sobre el uso de ciertas sustancias en los piensos, según se detectó en uno de los grupos de gestión del ganado, podría llevar a una sobreestimación del porcentaje de concentrados y/o de coproductos en piensos.

REINO UNIDO avanza en la apertura del mercado de carne de vacuno a CHINA

Los productores de carne de vacuno británicos están un paso más cerca de exportar carne de alta calidad a China, después de un voto de confianza de los inspectores chinos según el reporte de Beef & Lamb.

El mes pasado, por primera vez, el Departamento para el Medio Ambiente Alimentación y Asuntos Rurales (Defra) y la Junta de Desarrollo de la Agricultura y la Horticultura (AHDB) recibieron una delegación de



funcionarios chinos en un predio productor de carne y en un frigorífico en Surrey, para mostrar el nivel de bienestar animal y medidas de control sanitarias.

La visita, que incluyó una reunión con la Agencia de Sanidad Animal y Vegetal (APHA), formaba parte de un ambicioso plan para abrir las exportaciones de carne de vacuno británica a China, abriendo este lucrativo mercado para los agricultores británicos y dando un impulso masivo a la industria.

Los productos demandados en China incluyen cortes de calidad, con una creciente población de ingresos medios, el consumo de carne de vacuno de China ha aumentado, importó un total de 660.000 toneladas el año pasado, el doble de lo importado en 2014.

La secretaria de Medio Ambiente, Andrea Leadsom, visitó China a comienzos de esta semana, donde se reunió con empresarios y ministros del gobierno para discutir sobre las mayores oportunidades de comercio de alimentos y bebidas en el Reino Unido. Andrea Leadsom dijo: "Los chinos siempre han concedido gran importancia a la seguridad y la calidad de los alimentos y estamos mostrando la bandera de nuestra industria, reconocida por sus estándares excepcionales de bienestar, calidad y seguridad."

Phil Hadley, director de desarrollo de la cadena de suministro global de carne de vacuno y cordero de AHDB, dijo: "Este fue un paso pequeño pero importante, en el camino hacia las exportaciones a China. Estamos en el comienzo de un largo camino y va a tomar algún tiempo para negociar la apertura total del mercado".

IRLANDA: prevén caída de precios por mayor oferta en 2017

01 December 2016 - ICSA president Patrick Kent has said figures from the Teagasc research institute showing a likely drop of more than 10 per cent in beef prices in 2017 illustrates how much current agriculture policies and the national strategy for expansion are out of touch with reality on the ground.

"Food Wise 2025 is a call to beef farmers to expand production, which can now only be described as ludicrous advice. It simply does not make sense anymore and new policies need to be explored," Mr Kent was speaking following the release of Teagasc's Outlook for Agriculture Incomes in 2017.

"While report is shocking in terms of outlook for the beef sector in 2017, it is not surprising. It has been blatantly clear that this was coming down the line for beef farmers. Figures indicate that there are too many cattle in the country.

"With an additional 200,000 head of cattle for slaughter forecast for 2017, it is evident that new policies will have to be considered to address this new reality. Advising expansion in a loss making enterprise seems insane when it will only result in greater losses. When cattle numbers are up, prices have always gone down. The idea of cutting production in the beef sector now needs to be given serious consideration."

Continuing Mr Kent said: "Adding insult to injury, the Teagasc figures also indicate that dairy incomes are set to hit record levels 2017. We have seen continued rescue packages for that sector while other sectors are addressed merely as an afterthought. The figures must be seen as a wake-up call given that none of what Teagasc has predicted for beef farmers should come as a surprise to anyone."

ESTADOS UNIDOS

Preocupación por la baja de precios de la hacienda

By Greg Henderson November 29, 2016 As cattle markets turned sour this fall, many pointed to imports of cattle and beef as the culprit. In fact, comments posted to some recent stories on Drovers.com suggest we have dismissed "the increase of imports from countries like Brazil as a contributing factor to price decline in the feeder calf market." Another noted the "extraordinary increase in beef imports" that have "mirrored the drop in cattle prices."

Do the facts bear out those claims? In a word, no.

U.S. Department of Agriculture data for both beef and live cattle imports show decline in 2016. U.S. beef imports through September were 11% lower than the previous year, and Sterling Marketing president John Nalivka projects that's about where the year will end. Nalivka projects another 12% decline in beef imports in 2017.

Similarly, USDA reports live cattle imports through September were down 18% compared to 2015.

Derrell Peel, Oklahoma State University Extension Livestock Marketing Specialist, says cattle and beef imports have been a factor in the cattle markets for a long time, so "to cause the dramatic decline in our markets that we saw this year we would have needed a catastrophic increase in imports. In fact, they've gone down."

Additionally, a case can be made that imported beef can add value to U.S. beef carcasses. That's because a lot of the imported beef is lean that gets added to the grind of hamburgers.

"We spend a lot of time and money feeding cattle in U.S. feedyards," Peels says. "The chucks and the rounds from many of those cattle are more valuable sold as cuts than if they were ground into hamburger."



So if we supplement some of our hamburger with imported beef we can sell our U.S.-raised chucks and rounds at a higher price.”

Economists and industry leaders believe that trade must be a two-way street. In that regard, the U.S. beef industry is profiting when comparing imports and exports.

“The value of U.S. beef exports far exceed the value of imports,” Peel says.

According to USDA data reported by the U.S. Meat Export Federation, export volume for the Jan.-Sept. period was 8% above last year, and the value was \$4.54 billion. The value was down 5% from last year, partially due to a weaker U.S. dollar.

Beef exports accounted for 13.5% of total beef production in the Jan.-Sept. period, and the export value per head of fed slaughter averaged \$256.98 in September.

As for the “growing tide” of imported beef some claim, the long-term trends don’t support such allegations. The U.S. will import about 3 billion pounds of beef in 2016, which would be nearly 3% less than the 3.085 billion pounds imported a decade ago.

Incertidumbre sobre la evolución del mercado

By Chris Hurt, Purdue University Extension November 30, 2016 | Some are saying this is the most volatile cattle market ever. An evaluation of that statement would take considerable number crunching, but everyone can agree that few expected cattle prices to go above \$170 per hundredweight in late-2014, and then to fall below \$100 in mid-October 2016. That was an incredible decline of \$75 in about two years.

Of course there is the old adage that “what goes up, must come down.” If finished cattle prices dropped by nearly \$75 in the two years after the 2014 high price, how much did they rise in the two years before the high? The lowest weekly price of finished steers in 2012 was \$113. Prices rose by \$59 before falling by \$75.

Of course the supply and demand for beef are the primary drivers of finished cattle prices. Small supplies of cattle in 2014 were the result of the devastating Southern Plains drought and of high feed prices in the 2010 to 2014 time period. Small cattle supplies meant high finished cattle prices. In 2015 and 2016, lower feed prices and more cattle coming out of feedlots resulted in lower prices. However, another little-reported potential driver of this price volatility lies in the fact that adjustments at different levels in the beef chain occur at different rates. Stated most simply, cattle prices and wholesale beef prices tend to adjust quickly to changes in cattle supply while retail prices adjust more slowly. As cattle prices rise, retailers are slow to increase retail beef prices. This keeps the quantity of beef demanded strong and more of the retail price is bid back into the cattle price. This may “overstimulate” cattle prices.

We are now on the other side of that relationship as retail beef prices have been slower to come down, keeping retail beef prices higher and weakening the quantity of beef demanded and thus lowering the share returned to the cattle price. This may cause cattle prices to drop more sharply and overshoot on the downside. This overshooting on the downside may have occurred most recently. Packer and retail margins were narrow in 2014 and the farmer’s share of the retail dollars spent on beef was 55 percent, the highest annual level since 1993. This year the opposite is true, with packer and retail margins at record highs resulting in the farmer’s share of only 45 percent.

Into 2017, retail beef prices will likely continue to decrease and marketing margins will likely decrease with a greater share of the retail beef dollar getting back to the cattle price. While it is difficult to accurately predict how large this impact will be, it seems within reason to expect about an \$8 to \$12 improvement in finished cattle prices just based on narrowing marketing margins in 2017.

Trade is going to help as well in 2017. As U.S. beef prices come down in 2017 there will be less beef imports and more beef exports. USDA’s current projections are for 11 percent less beef imports and a six percent rise in beef exports. Even though U.S. beef production could be up three to four percent in 2017, the positive impacts of trade mean that per capita beef supplies in the U.S. may only rise less than one percent. If demand stays similar, 2017 finished cattle prices would be expected to be modestly lower than this year’s \$118 to \$120.

There continues to be a wide variation of opinions about the cattle market in 2017. Cash cattle prices have recovered about \$7 in the past three weeks. Futures prices also recovered. However, futures traders remain far more pessimistic than the current fundamentals seem to suggest. Using futures prices on November 7 as a proxy for cash prices suggest 2017 finished cattle would average in the higher \$90’s. USDA analysts who use fundamental price models are forecasting the average finished cattle price to be \$112 to \$121. The mid-point of their forecast range is \$116.50 per hundredweight, which is more consistent with current supply and demand expectations.

Clearly, wide swings in the cattle market over the past four years has made it difficult to establish benchmarks of what a high price, or a low price, for cattle should be. Cattle prices have lost their price reference points. Nevertheless, it should be remembered that it is the role of markets to “discover” the correct price over time.



The cattle industry has been through numerous shocks, including high feed prices and drought, in recent years. In trying to discover the right price, markets often have to overshoot and then undershoot as they continue to adjust in the search for the correct price. Finding the right price is not easy, yet markets are generally considered the most efficient way to find that elusive level. At the same time, we need to remember that the volatility implied in finding that right price has major financial consequences on participants in the entire beef chain, from cow-calf operations, to feedlot owners, to packers, to retailers.

Escenario positivo para las exportaciones de carnes bovinas

02 December 2016 US - USDA/FAS has released its weekly update on US beef and pork exports and the data continues to paint a very positive picture for both proteins. Keep in mind that the weekly report only covers sales of beef and pork muscle cuts while the monthly statistics include all fresh/frozen meat exports plus they will also include exports of cooked and processed items, writes the Steiner Consulting Group.

The weekly export numbers will always be quite a bit lower than the monthly trade but the benefit is that they are much more current than the monthly statistics that often have a 5 week lag. The challenge often is that weekly numbers can be volatile and add to the overall noise in the marketplace.

Also, many of the forecasts that USDA and private analysts put together are on a quarterly basis and so it is hard to put the weekly numbers in the proper context. The two charts try to do just that, taking the weekly numbers and showing what they imply for the last two months for which we do not have official statistics. With that in mind, let's look at some of the details from today's numbers and what the implications are for the month of November.

Beef: Exports of beef muscle cuts in the past two weeks have averaged 16,808 MT, the highest two week average at any point this year or last year for that matter. Beef exports in the last four reported weeks have averaged 15,750 MT, 28 per cent higher than the same four week period a year ago.

Extremely strong demand from a number of Asian markets continues to drive exports of US beef this fall. And it is quite impressive that the robust export pace so far has not been impacted much by the strong US dollar (remember a strong US dollar raises the effective price world buyers have to pay for US products).

Exports to South Korea in the last four reported weeks averaged 4,279 MT, 80 per cent higher than a year ago. Exports to Japan averaged 3,894 MT, +34 per cent while exports to Taiwan averaged 1,999 MT/wk, +75 per cent. There is one Asian market where US beef exports have been struggling and that is Hong Kong, with sales there in the last four weeks down 17 per cent from last year.

It is not a coincidence that the markets where we have gained ground are also markets that normally buy from Australia but do not allow Brazilian beef. With Australian slaughter down in double digits from a year ago, Korean and Japanese buyers have had to bid more aggressively on US product. Lower prices for US beef in October also helped considerably to increase the pace of shipments to these markets.

Exports to Mexico and Canada were up +6 per cent and +23 per cent, respectively, accounting for about 20 per cent of overall shipments. Asia is by far the major destination for US beef, however. At this point we are projecting US fresh/frozen monthly exports in November at +21 per cent compared to a year ago and a significant improvement over October levels.

Alza en la faena de terneros ligada a las dificultades del sector lechero

30 November 2016 US - Commercial calf slaughter (typically Holstein bull or steer calves intended for veal) has been on the rise since May of this year, according to the latest Daily Livestock Report published by Steiner Consulting Group.

Based on the USDA-NASS monthly livestock slaughter report, through October, commercial calf slaughter was up 6 per cent (up 22,800 head) compared to the same timeframe in 2015. In fact, the monthly October calf slaughter number was the highest for any month since July of 2014.

The veal industry is not large, compared to the beef, pork, or chicken industry. In 2015, annual commercial calf slaughter was 453,000 head.

Consumers' changing tastes and preferences have not been kind to the veal industry, which has been on a steady decline since the late 1980s. Since 2009 the industry has averaged a 10 per cent annual decline in total slaughter.

So why the recent uptick? This is a great example of how interconnected our livestock industries can become.

Most veal calves are male Holstein calves. Due to the decline of the veal industry, and the relative inventory growth in the dairy herd, many Holstein steer calves also go into feedlots and eventually into our beef supply.

While Holstein animals tend to quality grade relatively well with regards to their carcass, and the animals are very consistent due to intensive breeding practices in the dairy industry, they also have to be in a feedlot longer and usually have a poorer yield grade compared to beef type cattle.



As a result of this, prices for Holstein calves destined for a feedlot consistently bring discounts relative to their beef type counterparts. When cattle supplies started to tighten and prices were moving towards record highs in mid-2014, feeding out a Holstein steer became more attractive.

At that time, Holstein steer calves were still priced at a discount, but the overall price level was significantly higher than dairy producers had ever seen before. These higher dairy calf prices helped many dairy producers through a tough time in the industry when milk prices were moving lower.

Now, we are facing increasing beef cattle supplies and lower beef cattle prices. Additionally, Tyson announced in mid-September it would not be renewing any of its Holstein contracts with cattle feeders. While other companies will pick up some of this Holstein market, generally with increasing beef cattle supplies feeders will choose the beef type animal over the Holstein steer calf.

The industry shift taking place is apparent in veal slaughter numbers and also visible in Holstein bull calf prices. While Holstein bull calf prices are somewhat difficult to come by, the Producers Livestock Marketing Association publishes some calf prices out of Jerome, ID. Using this price series, as of the beginning of November Holstein bull calf prices were averaging about \$25 per head (these calves are considered "day old" but could be up to a week old).

In November of 2015 these calves were averaging \$100 per head, and November of 2014 they were \$280 per head. Prior to 2014, the price for these calves would range from \$20 to \$65 per head.

What implications will this market shift have on the dairy industry? They will not have as good of a revenue source out of the bull calves, and therefore be more prone to milk price changes.

Additionally, this could hypothetically incentivise more dairy producers to use sexed semen and/or move towards using beef bull semen on dairy cows and heifers if they do not intend to use the offspring as replacements. It will be interesting to look back in a year or two and see if there are any changes that stem from this.

RUSIA: Vladimir Putin promete ampliar la prohibición de importación de la carne de la UE y de EEUU

El presidente, Vladimir Putin, anunció que intentará ampliar lo máximo posible la prohibición de importar alimentos con origen de EEUU y la Unión Europea, entre ellos afectando a la carne, según informó Eurocarne Digital. Ante las sanciones económicas impuestas en 2015 a Rusia por el conflicto con Ucrania, este reaccionó imponiendo restricciones al comercio de alimentos de EEUU y la UE.

Putín aseguró que la idea era ampliar las sanciones tanto como fuera posible, ya que estaban resultando beneficiosas para la industria alimentaria y cárnica del país. Luego de imponerse estas sanciones hubo un fuerte incremento del precio de la carne y otros alimentos en el mercado interno, pero la industria alimentaria rusa se ha visto fortalecida.

Como referencia de la repercusión de las sanciones, las exportaciones de carne de la UE se han reducido. En el año 2012 exportó a Rusia € 283,6 millones, en el 2013 € 176,1 millones, en el 2014 € 222,7 millones, el 2015 € 73,8 millones y de enero a setiembre de 2016 lleva exportados € 39,6 millones, un 13,8% menos que en el mismo período interanual.

CHINA: importaciones de carne en niveles récords

01/12/16 - por Equipe BeefPoint A importação de carnes pela China está alcançando níveis recordes devido a problemas internos de produção e deve continuar "robusta" no próximo ano, na avaliação da consultoria BMI Research.

"A produção local de carne tem se tido dificuldade de expandir nos últimos anos e a China tem registrado baixo crescimento de oferta frente a outros países asiáticos, em particular".

Em compensação, as importações chinesas de grãos e algumas soft commodities (com exceção de óleo de palma, soja e açúcar) devem continuar fracas nos próximos trimestres devido ao excesso de oferta e à limitação imposta pelas autoridades sobre alguns produtos, acrescentou a consultoria.

EMPRESARIAS

Minerva: aprueban la compra de Frisa y suben sus acciones

30/11/16 - por Equipe BeefPoint A Minerva informa que foi publicado nesta segunda-feira, 28, despacho do Superintendente-Geral do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), de 25 de novembro, aprovando, sem restrições, a aquisição, pela empresa, da Frisa Frigorífico Rio Doce.

"A companhia informa que, em conjunto com a Frisa e seus acionistas, está trabalhando no cumprimento das demais condições precedentes para o implemento da operação, incluindo, mas não se restringindo aos procedimentos normais de auditoria contábil, jurídica, operacional, procedimental e financeira da Frisa e de suas subsidiárias."

A aquisição foi anunciada no início do mês, com investimento de R\$ 205 milhões por parte da Minerva.



01/12/16 - por Equipe BeefPoint As ações da Minerva subiram em 3,16% após o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) aprovar a aquisição da Frisa sem restrições. O negócio engloba 10.850 ações ordinárias e 4.007 ações preferenciais e aporte de R\$ 205 milhões.

A equipe de análise da Guide Investimentos avalia a notícia como positiva. “Vemos a aquisição da Frisa como uma oportunidade estratégica para a empresa se consolidar dentro do setor no Brasil e na América do Sul”, afirma em relatório.

Na divulgação de seu resultado do terceiro trimestre, em 9 de novembro, o diretor financeiro da empresa, Edison Ticle, estimou ganhos de sinergia de 3,7 pontos percentuais (pp) com a aquisição da Frisa. Segundo Ticle, após a conclusão do negócio, estima-se ganhos de sinergia de 1,20 pp por redução nas despesas gerais e administrativas.

Também são estimados ganhos de 2,50 pp em rendimentos de fábrica, melhoria de mix de vendas e maior eficiência na aquisição de gado. Com esses ganhos, a Minerva espera elevar as margens da operação, reduzindo o múltiplo total de aquisição para menos de 2,5 vezes.

Friboi lanzó una línea de carne Angus

1 de dezembro de 2016 - Lançamento aconteceu em uma churrascaria em Recife, PE, e reuniu cerca de 400 convidados.

A Friboi reuniu empresários em Recife, PE, para o lançamento da linha de carnes Angus. O evento, realizado em 29 de novembro, reuniu cerca de 400 convidados na Churrascaria Sal e Brasa, com o objetivo de estreitar o relacionamento entre varejistas e formadores de opinião locais e apresentar os diferenciais da carne.

“A carne Angus se caracteriza pela suculência, maciez e sabor sem igual. Esse tipo de evento ajuda a mostrar aos players do varejo a importância de oferecer um produto de alta qualidade a seus consumidores”, frisou o gerente do Programa Carne Angus, Fábio Medeiros.

Segundo ele, a Associação Brasileira de Angus confia no potencial do mercado do Nordeste, onde há consumidores altamente exigentes quando o assunto é carne de qualidade.